Tecendo Experiências[*]

Brinquedoteca Hospitalar - Regina Bonat Pianovski[•]

No início deste ano, iniciei um trabalho como voluntária na brinquedoteca do ambulatório Menino Jesus, no Hospital de Clínicas, em Curitiba, onde são atendidas crianças que sofrem de algum tipo de neoplasia. Minha expectativa inicial e minha proposta de trabalho visavam desenvolver atividades psicomotoras, através da técnica Sócio-psicomotricidade Ramain-Thiers, com o objetivo de promover estimulação cerebral a essas crianças, tentando minimizar os efeitos colaterais dos tratamentos recebidos; na maioria das vezes, traumatizantes e agressivos. Porém, percebi que a demanda era outra; na realidade, o que elas precisavam era de um espaço onde pudessem viver a sua infância, expressando-se através do brincar, onde pudessem exercitar a escolha, através da eleição do brinquedo preferido, exercitar a liberdade de criar e descobrir coisas e, dessa forma, construir conhecimentos.

Freqüenta esse local uma média de 45 crianças por semana. Elas demonstraram grande satisfação com o novo espaço criado dentro do ambulatório, pois ali são livres para brincar, explorando os brinquedos de acordo com a sua necessidade. Atuo como mediadora, indicando o brinquedo adequado para cada idade, ajudando a descobrir as regras dos jogos ou participando das brincadeiras, quando solicitada. Algumas crianças exploram os materiais com muita curiosidade, sem um objetivo determinado, pelo simples prazer de descobrir, da novidade; outras se interessam em jogar dominó, memória e outros jogos estruturados.

O acervo constitui-se de carrinhos, bonecas, bichos de pelúcia, livros de história, jogos estruturados, de encaixe, fantoches, fantasias, quadros negros, uma casinha de bonecas e várias mesas com cadeiras próprias para as crianças.

Nesse pouco tempo de atividades, já pude perceber alterações de comportamento. Nas primeiras visitas à brinquedoteca, muitas demonstravam medo e timidez; posteriormente, passaram

[*] Texto publicado no Boletim Informativo Psicopedagogia, edição de julho, agosto e setembro de 2005.
[•] Pedagoga, pós-graduada em Educação Especial e formada em Psicopedagogia e Psicomotricidade.

a interagir melhor umas com as outras, esquecendo, por alguns instantes, da sua doença e demonstrando mais segurança com relação aos procedimentos aos quais são submetidas. Adotam a brinquedoteca como um porto seguro, isto é, um lugar onde podem falar de si mesmas. Mostram-se mais tranqüilas e acolhidas, sorriem, falam do que acontece com seu corpo de um jeito natural, o que lhes permite encarar a situação com um olhar menos assustador.

Percebo, ainda, que a brinquedoteca ajuda as crianças e os pais a valorizarem o brincar como fator determinante ao seu desenvolvimento e a resgatarem o vínculo entre eles. Muitas vezes, uma criança doente desestrutura uma família, gerando inseguranças, medos e apatia; os pais estão tão preocupados com a saúde que ficam perdidos quanto à maneira de agir com seus filhos. A brinquedoteca traz a infância de volta, ajudando a entender o que se passa com eles e proporcionando o falar sobre sentimentos tão difíceis de serem compreendidos e aceitos.

Acredito que a brinquedoteca auxilie positivamente no tratamento, sendo um espaço onde a criança pode vivenciar a sua infância, descobrindo o mundo e a si mesma, resgatando a sua auto-estima e desenvolvendo a sua criatividade e potencialidade. Estando tranqüila, poderá contribuir com seu tratamento, aceitando e colaborando com a equipe médica, ajudando na sua cura.

Dessa forma, percebi que a minha proposta inicial não deixou de ser atingida; mudei a forma de intervir, mas a maneira como o trabalho vem sendo conduzido, com certeza, configura um ambiente estimulador e facilitador ao desenvolvimento dessas crianças. Ao mesmo tempo em que procuro proporcionar novas aprendizagens às crianças, muito tenho aprendido através da troca de experiências.